

Criação e distribuição de valor na cadeia de cafés especiais entre o Brasil e a Europa

AMANDA FERREIRA GUIMARÃES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ (UEM)

SANDRA MARA DE ALENCAR SCHIAVI

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ (UEM)

BOUROLLEC

ECOLE D'INGÉNIEURS DE PURPAN

JAIANE APARECIDA PEREIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL (UFMS)

Agradecimento à órgão de fomento:

Agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior no fomento à pesquisa e à Superintendência Geral de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior no âmbito da extensão.

CRIAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE VALOR NA CADEIA DE CAFÉS ESPECIAIS ENTRE O BRASIL E A EUROPA

1. Introdução

A inserção em cadeias globais de valor (CGV) consiste em uma alternativa para a produção com valor superior e o posicionamento dos agentes na cadeia (GEREFFI; HUMPHREY; STURGEON, 2005; GIULIANI; PIETROBELLI; RABELLOTTI, 2005; TRIENEKENS, 2011; SAMPER; GIOVANUCCI; VIEIRA, 2017). As transações envolvendo diferentes contextos institucionais incluem maior complexidade quando comparado a cadeias locais em função das diferenças do ambiente institucional, que engloba normas, valores e padrões, impactando na distribuição da informação (GEREFFI; HUMPHREY; STRUGEON, 2005; GIULIANI; PIETROBELLI; RABELLOTTI, 2005; TRIENEKENS, 2011).

Dada essa complexidade, a sustentabilidade e a melhoria do posicionamento dos agentes dependem da eficiência na organização da cadeia (FAO, 2014). A eficiência em CGVs abrange a criação de valor pelos agentes, a distribuição do valor em todos os elos da cadeia e a remuneração de valor, que é compreendida aqui como a recompensa pelos esforços em termos de melhorias de qualidade nos diferentes estágios de produção e distribuição.

Em termos teóricos, a eficiência da cadeia depende da transparência das informações, que está associada ao modo como as transações são organizadas em termos de estruturas de governança (WILLIAMSON, 1985; BARZEL, 2005). Falhas de coordenação em qualquer uma das transações na cadeia são suficientes para impactar na eficiência em toda a cadeia (CLAY *et al.*, 2018). Neste sentido, entende-se que a eficiência da cadeia como um todo requer a análise do conjunto de transações que compõe cada um dos seus elos.

Considerando que as CGVs dependem de investimentos em diferenciação, esses investimentos podem resultar em maior especificidade de ativo, além de ativos específicos à transação e dimensões difíceis ou custosas de serem mensuradas, podendo ocasionar problemas de assimetria de informação. A governança da transação pode ser analisada sob a ótica da Nova Economia Institucional (NEI) (MÉNARD; SHIRLEY, 2014), especialmente em suas perspectivas microanalíticas como a Economia dos Custos de Transação (ECT) e a Economia dos Custos de Mensuração (ECM) (WILLIAMSON, 1985; BARZEL, 2005).

Apesar de fornecer subsídios para entender as transações entre os elos da cadeia, os estudos no âmbito da ECT e ECM têm se concentrado na análise de transações isoladas em uma cadeia (SAES, 2010; BRONZERI; BULGACOV, 2014; WATANABE *et al.*, 2017; CLAY *et al.*, 2018). Destaca-se que, em CGVs, é necessário analisar o conjunto de transações entre os diversos elos, o que está sendo proposto neste trabalho a partir da análise da cadeia de cafés especiais em que a criação, distribuição e remuneração do valor dependem da coordenação global entre os agentes em diferentes países e regiões (LERNER *et al.*, 2021).

O Brasil é o maior produtor e exportador mundial de cafés, e na outra ponta, a União Europeia é a maior importadora e consumidora (USDA, 2021). Em 2019, a produção mundial de café era de quase 175 milhões de sacas de 60 kg, sendo o Brasil responsável por mais de um terço (37%) desse montante (USDA, 2021). Neste período, os principais destinos das exportações brasileiras de café foram a América do Norte e países da União Europeia, tais como Bélgica, Holanda e Suécia (CECAFE, 2021). Apesar de sua importância em termos de quantidade, segundo o Conselho dos Exportadores de Café (CECAFE, 2021), menos de um quinto (17,7%) das exportações em 2019 foram de cafés com algum tipo de diferenciação.

Ao se considerar a produção de cafés especiais no Brasil, destaca-se o Estado do Paraná, em que se encontram iniciativas para criação de valor a partir dos esforços na produção rural visando a inserção de pequenos produtores em mercados globais voltados à diferenciação (EMATER, 2019; SANTOS, 2019). O valor em cafés especiais pode ser traduzido em aspectos intrínsecos e extrínsecos gerados pelos diferentes agentes da cadeia, desde a produção rural até

o consumidor final (COSTA, 2020). Para padronizar a classificação, os aspectos intrínsecos abrangem os atributos sensoriais (sabor, aroma, acidez, doçura, equilíbrio), que são medidos em degustações de xícara e aqueles com mais de 80 pontos em uma escala de 100 são classificados como especiais (SCA, 2020). Além disso, os aspectos extrínsecos dos sistemas de produção também podem agregar valor ao café, como origem (envolvendo região e indicações geográficas, por exemplo), produção orgânica e valorização de gênero (produção por mulheres).

A criação de valor no café depende, portanto, da atuação harmoniosa entre os agentes na cadeia (COSTA, 2020), tendo início na produção rural e sendo aprimorada e transformada nos demais elos, como processadores, torrefadores e *coffee shops* (SAMPER; GIOVANUCCI; VIEIRA, 2017; SCA, 2020). A depender dos esforços à montante (produtores), o café obterá um valor/qualidade distinto nos elos à jusante da cadeia (*coffee shops*/consumidor). O valor criado pelos agentes à montante é transformado à medida que o ativo é transacionado ao longo da cadeia e, com isso, os atributos valorizados nas transações à montante podem não ser os mesmos à jusante (SAMPER; GIOVANUCCI; VIEIRA, 2017).

Guimarães et al. (2020), ao investigaram a produção do conhecimento sobre governança em CGVs agroalimentares, mostraram que há falhas de eficiência na cadeia de cafés especiais em termos de distribuição e remuneração do valor, evidenciando problemas na remuneração do valor criado pelos produtores (SAMPER; GIOVANUCCI; VIEIRA, 2017; CLAY et al., 2018; VICOL et al., 2018). Para Samper, Giovanucci e Vieira (2017), há um problema de distribuição da informação sobre o que é qualidade na CGV do café, especialmente ao se considerar a dificuldade dos produtores em acessar a informação sobre a qualidade requerida pelos demais agentes. Outros agentes, como os torrefadores, não têm acesso à transmissão dos preços pagos pela qualidade no café ao longo de toda cadeia. Essas questões de transmissão da informação geram problemas de incentivos em termos de remuneração aos produtores e ineficiências (SAMPER; GIOVANUCCI; VIEIRA, 2017).

Tais problemas evidenciam, portanto, falhas de governança na cadeia que impactam a criação, a distribuição e a remuneração do valor gerado. No longo prazo, esses problemas podem gerar desincentivos à qualidade e entraves para a melhoria do posicionamento dos produtores e inserção dos produtores de café em mercados globais de maior valor agregado, impactando a sustentabilidade destas cadeias globais de valor. Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo compreender como estão organizadas as transações entre os elos ao longo da cadeia de cafés especiais entre agentes no Brasil e na Europa, com foco na criação e distribuição de valor. Para tanto, além da introdução, a segunda parte apresenta uma contribuição Neo-Institucional para compreensão da eficiência de CGVs, com base na ECT e ECM. A três detalha os procedimentos metodológicos, seguido da apresentação e discussão dos resultados e, finalmente, apresenta as conclusões.

2. Uma contribuição Neo-Institucional para a eficiência de CGVs

Frente às limitações da economia neoclássica em explicar os problemas econômicos (JOSKOW, 2004), Coase (1937) questionou o porquê da existência de uma grande variedade de formas organizacionais, e identificou que, existem custos para transacionar via mercado. Segundo o autor, existem os custos para conhecer os mercados e as condições nas quais as transações irão acontecer (COASE, 1937). A necessidade de informações sobre o que e como transacionar implica uma complexidade inerente às transações. Logo em Coase (1937), é possível identificar que a obtenção de informação envolve custos de transação, e é elemento essencial para as análises econômicas (MÉNARD; SHIRLEY, 2014).

A partir das contribuições de Coase (1937), a NEI defende que os diferentes tipos de instituições (valores, normas, instituições legais, normas jurídicas, firmas) importam e que não devem ser ignoradas (JOSKOW, 2004). Ménard e Shirley (2014) apontam que o que torna a NEI tão distinta em seus avanços perante a economia neoclássica é o “triângulo de ouro”: custos

de transação, direitos de propriedade e contratos. Os custos de transação se referem aos custos em se obter informação sobre o que e como transacionar. Direitos de propriedade se referem à definição de propriedade aos diferentes agentes. Por fim, os contratos que não são perfeitamente garantidos ou completos, se referem aos diferentes acordos entre as partes (MÉNARD; SHIRLEY, 2014).

Esses conceitos deram origem à diferentes abordagens, como a ECT (WILLIAMSON, 1985) e a ECM (BARZEL, 2005). Por caminhos distintos e complementares, essas teorias visam a eficiência das transações (WILLIAMSON, 1985) e tem a informação como elemento central, seja relacionado aos riscos associados ao oportunismo, à complexidade de mensuração dos atributos que compõem um ativo ou à dificuldade de acesso à informação. Para a ECT, a eficiência acontece pela redução dos custos de transação por meio da governança. Para a ECM, a redução dos custos de transação se dá pela mensuração das dimensões de um ativo (BARZEL, 2005). Tais teorias concentram-se na análise da eficiência sob o olhar micro analítico das transações, ou seja, como se dá a transação entre dois agentes.

É central e consenso para a ECT e a ECM a busca pela eficiência considerando a incompletude informacional e consequente incompletude contratual, propostas por Coase, 1937. Apesar disso, elas possuem alguns pressupostos distintos, envolvendo distanciamentos e aproximações em termos de unidade de análise, o olhar para a racionalidade limitada e o oportunismo, a informação, e por fim o racional de cada uma das teorias.

Sobre a unidade de análise, a ECT considera a transação entre duas partes, a partir de suas características e dos pressupostos comportamentais de racionalidade limitada e oportunismo, para a escolha da estrutura de governança eficiente (WILLIAMSON, 1985). A ECM considera como unidade de análise o ativo em seu conjunto de dimensões. É a mensuração dessas dimensões que determinará a estrutura de governança adequada, sob as mesmas condições de racionalidade limitada e oportunismo (BARZEL, 2005).

Tendo em vista a assimetria de informação como um problema central nas teorias, a racionalidade limitada e o oportunismo se apresentam como protagonistas na formulação de seus racionais. No que diz respeito à ECT, Williamson (1985) afirma que os indivíduos são racionalmente limitados e, por isso, a capacidade cognitiva de tomar decisões é também limitada. Da mesma forma, a ECM pressupõe a dificuldade de mensurar e tomar conhecimento sobre determinadas dimensões que compõem um ativo, dificultando assim a elaboração de contratos complexos *ex ante* à transação (BARZEL, 2005). Para as duas teorias a incompletude informacional faz com que os contratos sejam incompletos (COASE, 1937).

O oportunismo, por sua vez, é expresso na ECT pela seleção adversa e pelo risco moral (WILLIAMSON, 1985). Levando em consideração o comportamento maximizador explícito dos agentes, a seleção adversa se mostra relevante para os problemas de informação. Uma vez que indivíduos têm racionalidade limitada, as partes podem agir em busca de auto interesse com comportamento estratégico de ocultar informações (MILGROM; ROBERTS, 1987). De forma complementar, a ECM assume que as partes podem agir de forma oportunista, de modo a capturar os direitos de propriedade mal definidos em domínio público pela dificuldade de mensuração (BARZEL, 2005). Logo, para a ECM o oportunismo é tido como implícito (ZYLBERSZTAJN, 2018). Para a ECT, a assimetria de informação é oriunda da racionalidade limitada e do oportunismo entre os agentes. Para a ECM, as informações são incompletas, pois são caras e complexas de serem transmitidas (BARZEL, 2005).

De modo a lidar com os problemas econômicos do mundo real, cada uma das teorias propõe um racional distinto. O racional da ECT considera as diferenças entre as estruturas de governança no que se refere às adaptações *ex post*, e é centrada no alinhamento eficiente entre os atributos da transação e as estruturas de governança levando em consideração a racionalidade limitada e o comportamento oportunista dos indivíduos (WILLIAMSON, 1985). Esse racional preconiza a integração vertical como estrutura de governança eficiente frente a elevada

especificidade de ativos. Isso em função do risco de perda de valor *ex post* pela atuação de comportamento oportunista (ZYLBERSZTAJN, 2018).

Já a ECM propõe que a possibilidade de captura de quase renda dos ativos específicos acontece pela dificuldade de mensurar os ativos que os compõem (BARZEL, 2005). Barzel (2005) defende que mesmo sob elevada especificidade de ativos, se houver a possibilidade de mensuração, estruturas de governança menos complexas podem ser eficientes. Contudo, as informações são caras e complexas de serem acessadas. Logo, para o autor, o racional da ECM fundamenta-se na ideia de que a eficiência das transações depende de estruturas de governança que tenham maior capacidade de maximização de valor na transação por meio da proteção dos direitos de propriedade sobre as dimensões envolvidas na transação.

A incerteza e a recorrência das transações são especialmente importantes quando se trata de incompletude informacional e contratual. Conforme supramencionado, há assimetria de informação pela incerteza comportamental (oportunismo) entre os agentes. Nesses casos, as partes podem optar por ocultar ou manipular as informações. Contudo, há problemas de acesso à informação pelas incertezas ambientais, que são contingências independente do comportamento dos agentes e que são difíceis de serem antecipadas, tais como alterações de mercado ou clima (WILLIAMSON, 1985). Essas contingências tornam as transações complexas por natureza, implicando entraves na elaboração dos contratos *ex ante* à transação.

A recorrência se faz importante nessas situações, uma vez que em transações envolvendo elevada incerteza comportamental a repetição da transação permite que as partes aprendam umas com as outras e construam uma reputação sobre o que será produzido, como será produzido e o comportamento dos agentes (podendo prever seu desempenho). Considerando os elevados custos burocráticos e de infraestrutura da integração vertical, essa reputação possibilita a condução das transações por formas híbridas, mesmo em transações envolvendo elevada incerteza (WILLIAMSON, 1985; BARZEL, 2005).

A transação de produtos com maior valor agregado pode envolver elevada especificidade de ativo, dimensões difíceis de serem mensuradas e problemas de assimetria de informação. Nesse caso, investigar o fenômeno a partir de apenas uma das teorias compromete a compreensão do problema de mundo real. A ECT fornece resultados de modo a minimizar as perdas no valor do ativo. Contudo, considerar as dimensões que compõem um ativo possibilita a adoção de estruturas de governança menos complexas ao se considerar a possibilidade de contratação pela mensuração dessas dimensões que compõem o ativo.

Esses problemas são especialmente importantes quando se trata de cadeias envolvendo maior valor agregado. Os estudos da ECT e ECM concentram-se no nível individual, com foco na governança de uma transação (SAES, 2010; BRONZERI; BULGACOV, 2014; WATANABE et al., 2017; CLAY et al., 2018). Contudo, como as cadeias de valor envolvendo contextos globais estão incluídas em contextos institucionais mais amplos e distintos, discute-se a necessidade de analisar o conjunto de transações entre os diversos elos, pois a eficiência dependerá do modo como a cadeia toda está organizada.

3. Procedimentos Metodológicos

A presente pesquisa, qualitativa do tipo descritiva, envolveu a análise da CGV de cafés especiais entre agentes no Brasil e na Europa e foi realizada a partir de duas etapas. A primeira a nível europeu com os agentes à jusante da cadeia (importadores, torrefadores e *coffee shops*); e a segunda, com os agentes à montante (produtores e exportador), no Brasil. Além de dados documentais, o principal instrumento para coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, que compreendeu um conjunto de questões qualitativas.

A etapa de coleta de dados teve início, como fase exploratória, por meio de atividades de pesquisa e extensão. Envolveu atividades de observação não participante junto à uma exportadora de cafés especiais e às propriedades de produtores rurais de cafés especiais no

Paraná, bem como ao desenvolvimento de atividades de campo junto a esses produtores rurais. Além disso, envolveu a participação em eventos de extensão, científicos e específicos ao setor do café. Além dessas atividades exploratórias, a caracterização da cadeia foi feita por meio do levantamento de dados estatísticos no Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), o Statista, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

Os dados primários foram coletados a partir de entrevistas semiestruturadas com agentes-chave da cadeia estudada. Foram realizadas uma entrevista com um torrefador de cafés especiais em Toulouse/FR; uma entrevista com o presidente da Associação de Cafés Especiais da França (SCA France); uma entrevista realizada na Suécia com o campeão de torra do Vietnam. A partir dessas entrevistas, os agentes puderam ser identificados.

Após a caracterização da CGV de cafés especiais, buscou-se identificar como as transações na cadeia são organizadas. A pesquisa foi realizada na França, Holanda, Bélgica e Suécia, uma vez que estão entre os principais consumidores mundiais de café (TORGA; SPERS, 2020), e entre os principais países importadores de cafés especiais brasileiros (CECAFE, 2020). Em seguida, a partir do método bola de neve (ATKINSON; FLINT, 2004), os atores à jusante na cadeia (torrefadores e *coffee shops*) de cada importador foi mapeada.

Na pesquisa na Europa, foram entrevistados 18 agentes, envolvendo importadores, torrefadores e *coffee shops*. As entrevistas foram realizadas *in loco* com os entrevistados na França, Bélgica, Holanda e Suécia, foram gravadas e posteriormente transcritas. No Brasil, os entrevistados foram identificados a partir do método bola de neve, a partir das cadeias cujos agentes a jusante já haviam sido entrevistados no contexto europeu. Foram entrevistados no Brasil sete agentes, sendo cinco produtores de cafés especiais, um corretor e uma exportadora. As entrevistas foram feitas *online*, gravadas e posteriormente transcritas.

Os roteiros de questões foram elaborados a partir das categorias de análise, oriundas do referencial teórico, a saber: atributos da transação, abrangendo as subcategorias de incerteza, especificidade de ativo e frequência; a mensurabilidade das dimensões (ou “atributos de valor” que compõem o ativo considerado em cada transação); e mecanismos de governança da transação, que diz respeito às estruturas de governança. As entrevistas foram categorizadas com auxílio do *software* Atlas.TI® (ATLAS TI., 2019). A partir dos relatórios gerados, por categoria de análise, as análises foram inferidas, discutidas e posteriormente dispostas em forma textual.

4. Complexidade, heterogeneidade e não-linearidade da CGV de cafés especiais

Especificamente no caso da CGV de cafés especiais entre agentes no Brasil e na Europa, os resultados mostraram que ela é composta pelos produtores rurais, exportadores, importadores, torrefadores e *coffee shops*, podendo envolver agentes para corretagem do café (agente de negociação entre produtores e compradores de cafés). No Brasil, compõem a cadeia uma exportadora de cafés (E19) e um agente de corretagem de café (E20), além de produtores rurais (E21, E22, E23, E24, E25, E26). Na Europa, compõem essa cadeia diferentes configurações de agentes, abrangendo importadores (E4, E5, E12, E13, E15, E16), importadores que também são torrefadores e *coffee shops* (E7), torrefadores (E8, E9), torrefadores e *coffee shops* (E6, E10, E11, E14, E17, E18) e *coffee shops* (E1, E2, E3).

Um primeiro resultado mostra que, ao contrário da configuração tradicional (fluxo linear de produtos, serviços e informações) (SAMPER; GIOVANUCCI; VIEIRA, 2017; COSTA, 2020), essa é uma cadeia complexa, heterogênea e não linear. Essa complexidade se dá pela forma como os agentes estão organizados, nas relações entre eles, nas diferentes origens das compras de café e no número e tamanho dos fornecedores, tornando-os também heterogêneos. As empresas variam de pequenos produtores e cafeterias locais a grandes importadores de âmbito continental. Há os que compram menos de 10 sacas de café ao ano; entre 10 e 100 sacas ao ano, e mais que 100 sacas de cafés por ano. Com relação ao número médio de fornecedores,

há os que mantêm a compra de café com menos de 10 fornecedores; entre 10 e 100 fornecedores; e aqueles que gerenciam mais de 100 fornecedores de cafés.

Com relação ao tipo de café transacionado, observou-se que eles possuem diferentes características. Identificou-se que há transações de cafés com um mesmo perfil sensorial (conjunto e características organolépticas que caracterizam a bebida) em diferentes safras, e cafés com perfis sensoriais diferentes. Para fins de terminologia, cafés especiais com um mesmo perfil sensorial são aqui denominados “padronizados”. Esses cafés não são cafés convencionais, mas cafés especiais com as mesmas características sensoriais e de pontuação de bebida em toda safra. Os cafés transacionados com características sensoriais diferentes nas diferentes safras são chamados de “sazonais”. Nessa pesquisa, observou-se que os cafés padronizados pontuam entre 80 e 85 pontos e são destinados em grande parte à elaboração de *blends*. Os cafés sazonais possuem pontuação acima de 86 pontos e envolvem a transação de cafés do tipo microlote (porções muito pequenas e exclusivas de cafés).

Ainda, há diferenças quanto à origem do café comprado. Foram observadas diferentes configurações de compra: 1) compradores de cafés de diferentes origens e com perfis sensoriais diferentes (E1, E2, E6, E8, E10, E11, E14, E17), sendo cafés diferentes a cada compra; 2) compradores de café sempre de uma mesma origem e com o mesmo perfil sensorial em todas as compras (E3, E7, E9); 3) compradores que buscam cafés de diferentes origens, mas com um mesmo perfil sensorial (E12, E13, E18), valorizando o perfil sensorial, em detrimento à região; 4) compradores que buscam cafés de uma mesma origem, podendo ser com perfil tanto sazonal, quanto padronizado (E15, E16), valorizando em maior parte a origem do café; e 5) compradores que compram de diferentes origens, mas buscam tanto cafés com um perfil padronizado, quanto perfis sensoriais diferentes (E4, E5, E19, E20).

Nessa cadeia, o bom desempenho em termos de qualidade tem início na produção rural (COSTA, 2020), que é intrinsecamente incerta (SAES, 2010; SAMPER; GIOVANUCCI; VIEIRA, 2017). Identificou-se que os agentes do meio (exportador e importador) são responsáveis por articularem essa cadeia, por meio de diferentes esforços junto aos produtores, de modo a fazer com que os cafés alcançados à montante atendam aos requisitos demandados à jusante. Esse achado difere dos demais trabalhos da área que, normalmente, apontam o torrefador como articulador (SAMPER; GIOVANUCCI; VIEIRA, 2017).

Observou-se que alguns agentes assumem papel predominante no alcance das diferenciações a depender do tipo de café transacionado. Cafés padronizados são em grande parte resultado da realização de *blends*, que é de responsabilidade dos agentes intermediários, tais como exportador, importadores e torrefadores. Destaca-se a importância do conhecimento na atividade por parte desses agentes, indicando especificidade de ativo humano. Por isso, pode-se afirmar que os esforços em diferenciação têm início na produção rural, passando pelos intermediários até os *coffee shops*. Todavia, os agentes intermediários são os responsáveis por manipular os diferentes cafés de modo a criar o valor, que para os cafés padronizados está associado além dos atributos físicos e sensoriais, à padronização do produto, conforme previamente destacado por Samper, Giovanucci e Vieira (2017).

Os cafés sazonais envolvem, além da qualidade excepcional, apelos de produção como a produção por mulheres, a história do produtor, a região e o comércio justo. Neste caso, busca-se o café que possui algum tipo de raridade, em detrimento à regularidade. Esses produtores, portanto, possuem papel predominante na criação de valor. Aos intermediários cabe, além de criar valor pelas etapas subsequentemente de processamento, preparação e torra, incentivar os produtores a atingirem a qualidade excepcional demandada para esses cafés com diferentes apelos. Esses diferentes tipos de cafés resultam, por sua vez, em transações com diferentes características em termos de atributos da transação, mensurabilidade e mecanismos de governança das transações. Transações diferentes impactam, por sua vez, na cadeia como um

todo. As próximas seções apresentam os mecanismos de governança da transação de cafés padronizados e de cafés sazonais.

4.1. Governança das transações de cafés especiais “padronizados”

A transação de cafés padronizados tem início na produção rural, pois o alcance dessa padronização pelos produtores passa tanto por condições agronômicas de solo e clima, como pela repetição das práticas de manejo, demandando o conhecimento por parte dos agentes. Como esses cafés são destinados majoritariamente para a construção de *blends*, impõem desafios aos exportadores e importadores, que são os responsáveis por orquestrar a cadeia à montante de modo a conseguir os *blends* desejados pelos torrefadores e *coffee shops*.

Incerteza. Nas transações entre o produtor e o corretor/exportador, as principais incertezas são relacionadas ao clima, inerentes à produção agrícola do café, e às oscilações de mercado quanto aos preços. Com relação ao clima, o produtor E22 afirma: “*Sempre é possível você perder bebida. Por mais cuidado que você der, uma chuva que ele tomar, cobrir o café não por uma proteção nele e cobrir direto com lona, ele vai arder*”. Com relação à produção, as incertezas afetam a obtenção de cafés. Para o exportador E19, “*se tem pouco café de qualidade, tem mais disputa no campo. [...] se tem pouco café vai ser muita gente disputando o mesmo produto*”. Apesar disso, os produtores são capazes de produzir com a qualidade demandada. Por isso, tanto exportador quanto importador afirmam ser comum excesso de oferta desses cafés entre 80 e 85 pontos.

A incerteza com relação ao preço se refere às oscilações típicas do mercado e da precificação com base na bolsa de Nova York. Como forma de lidar com isso, observou-se, nos casos em que há uma segurança quanto ao suprimento, o uso de contratos futuros, que fixam o preço a ser recebido pelo produtor. Para o exportador essa segurança existe, pois os produtores de cafés padronizados possuem tecnificação para produção, e por isso conseguem regularidade na entrega, conforme ilustra o exportador E19: “*Ele é um produtor capitalizado, ele tem um capricho médio, ele não joga o café no chão, faz uma adubação boa*”.

Com relação às transações entre importador e torrefador, a principal incerteza está associada a preço e qualidade. Para os entrevistados, existem elevadas alterações nos preços do café, mas os importadores gerenciam essas oscilações oferecendo cafés a preços semelhantes, mas com qualidades diferentes. O torrefador e *coffee shop* E6 afirma: “[...] *eles [importadores] vão ter uma gama de preços que vai variar bastante de um ano para o outro, mas, o café vai mudar, isso sim, não será o mesmo*”. Ainda, identificaram-se possíveis incertezas quanto à concorrência na compra de cafés pelos torrefadores. Para o torrefador E10, a busca por cafés com qualidades é alta entre os diferentes torrefadores no mercado, e por isso o relacional é importante, além da necessidade de sinalizar o interesse de compra com antecedência.

Para as transações entre torrefadores e *coffee shop*, constatou-se que as incertezas também estão relacionadas à qualidade dos cafés a serem comprados, dadas as elevadas alterações nos preços. *Coffee shops* definem preços limites a serem pagos pela compra do café e trabalham a compra a partir desse preço máximo. Assim, cafés com diferentes qualidades serão comprados a partir dos preços, ocasionando incerteza quanto a essa qualidade.

Por fim, nota-se que, embora os entrevistados afirmem não haver elevados riscos de oportunismo, as transações não são imunes a eles. Nas palavras do torrefador E11, “*na cadeia de cafés especiais há uma ética*”, apesar disso, os agentes adotam mecanismos de proteção contra o oportunismo relacionado à manipulação da informação, tais como a mensuração por mais de um agente e a realização de visitas para observar o processo produtivo, mesmo o exportador mensurando a qualidade do café e descrevendo as características. Não obstante, os riscos associados às incertezas comportamentais parecem ser amenizados pela importância da reputação, pela repetição da transação e relacional construído por essas visitas. O corretor E20

afirma: “já viu jogo do bicho? É tudo no ‘fio do bigode’. Juridicamente não vale nada, mas todo mundo cumpre, todo mundo cumpre”.

Frequência. As transações de cafés padronizados são recorrentes. Em todas as transações da cadeia há uma tendência em manter a relação e a repetição com os mesmos fornecedores. O exportador E19 afirma: “[...] *uma vez que ele vende para nós, ele vai tentar vender no próximo ano*”. As transações entre os agentes acontecem, em média, desde o início das atividades das empresas. Apesar da elevada recorrência, identificou-se que a dependência bilateral entre os agentes se altera nas transações ao longo dessa cadeia. Nas transações entre produtor e exportador, embora a obtenção de cafés sofra impacto de incertezas, a elevada oferta de cafés pode ser um fator que minimiza a dependência do comprador com relação ao produtor. Do mesmo modo, há baixa dependência do produtor com relação ao comprador, uma vez que é um produtor capitalizado e consegue encontrar outros compradores, conforme ilustra o produtor E21: “*Eu não vejo isso como uma dificuldade mais não*”.

Com relação às transações entre exportador e importador, pode-se afirmar que a dependência pode estar associada à capacidade de compra. Conforme destaca o importador E4, “*Então creio que se algum deles [exportador] perderem a nossa conta, creio que estarão mal. Porque são volumes altos de bons cafés*”. Para a transação entre torrefador e importador, a dependência com base na capacidade de compra torna a ser baixa, dado que a compra de cafés envolve volumes menores, e, por isso, os agentes podem encontrar outros fornecedores/compradores facilmente, bem como não representará grandes perdas tanto para importador quanto para torrefador no caso de encerramento das transações.

Para além da capacidade de compra, a dependência pode estar associada ao tipo de café comprado, que envolve um mesmo perfil sensorial em todas as transações. O torrefador e *coffee shop* E14 afirma: “[...] *precisaremos procurar, ter o mesmo gosto. Porque é um blend. Precisa ter o mesmo gosto de 01 de janeiro até 31 de dezembro*”. Finalmente, o *coffee shop* sinaliza facilidade na busca por outros fornecedores. Essa baixa dependência bilateral pode ser explicada pelo *coffee shop* comprar o café após o *blend*. Embora seja fácil encontrar outros fornecedores, ressalta a existência da relação construída entre eles e o torrefador.

Especificidade de ativos. Identificou-se que os investimentos feitos pelos produtores estão associados à atividade e não à transação em si. Apesar disso, foram esses investimentos que possibilitaram a inserção nessa cadeia de cafés especiais, conforme destaca o produtor E21: “*Então eu precisava de padrões, eu precisava melhorar a qualidade do produto, da torrefação, e eu precisava de um local para armazenamento da minha safra. [...] vender para a exportadora acabou sendo uma consequência de todo de tudo isso*”.

Por parte dos exportadores e importadores, observou-se elevada especificidade de ativo humana, uma vez que a elaboração do *blend* depende do conhecimento do exportador, importadores e torrefadores. Ainda que os produtores sejam capacitados na produção, as incertezas típicas da produção do café dificultam a padronização trazendo complexidade ao produto. Por isso, cabe aos agentes que se encarregam do processamento do café (exportador, importador e torrefadores) ajustarem a combinação de cafés de modo a obter um perfil sensorial padronizado. Assim, diante das dificuldades de obtenção de um café com perfil sensorial específico, os agentes utilizam seu conhecimento para formulação de um novo *blend* que atenda às mesmas características desejadas. Além da especificidade de ativo humano, identificou-se especificidade de ativo físico por parte dos compradores em função da necessidade de um café com o mesmo perfil sensorial para elaboração desse *blend*.

Mensurabilidade. Nessa cadeia os cafés que possuem pontuação pelo protocolo da SCA entre 80 e 85 são mensurados de acordo com seus atributos físicos e sensoriais. O conjunto de atributos e modo como são mensurados se altera ao longo das transações na cadeia. Na transação entre produtor e exportador, são avaliados os atributos físicos do café verde, considerando defeitos, aparência, tamanho do grão, e os atributos sensoriais após a preparação

a bebida. Produtores, quando mensuram a qualidade, observam majoritariamente atributos físicos, podendo contar com uma equipe especializada para mensurar atributos sensoriais, conforme destaca o produtor E21: *“Todo lote que vem da fazenda a gente faz a classificação física, a classificação da prova”*.

O exportador e corretor avaliam o café formalmente, por meio do protocolo da SCA, em cada amostra, antes e após a compra, por meio de equipe especializada, uma vez que são os agentes à montante responsáveis por acessar, comprar e garantir o fornecimento de cafés com diferentes qualidades na cadeia à jusante. Da mesma forma, o importador avalia os atributos físicos e sensoriais do café a cada amostra, antes e após a compra, por meio de equipe especializada, uma vez que são os agentes à jusante responsáveis por garantir o fornecimento de cafés com diferentes qualidades para torrefadores e *coffee shops*. Embora tenha sido observado que as transações nessa cadeia têm um risco de oportunismo amenizado pela reputação, há dupla mensuração, que pode estar associada ao acesso às características do café e a garantia de conformidade com os padrões requeridos.

Uma vez que essa cadeia não envolve atributos extrínsecos relacionados à apelos de produção social e ética, as transações acontecem com base na descrição da qualidade do café. Essa descrição consiste na comunicação sobre determinado perfil de café desejado (em termos de atributos físicos e sensoriais) e a mensuração acontece para verificar a conformidade dessa descrição. O exportador E19 afirma: *“a venda é uma descrição de um produto, de uma qualidade. E a compra, você vai buscar a mesma descrição. Eu não vou atrás do produtor daí, eu só vou atrás do produto”*.

Torrefadores avaliam o café antes da compra, não necessariamente por meio de equipe ou protocolo especializados, podendo avaliar atributos físicos do café verde, mas avaliando sempre os atributos sensoriais do café. O processo para avaliação do café feito pelos exportadores/corretores, importadores e torrefadores é semelhante, e tem seu início com o recebimento das diferentes amostras do café. São avaliados, em cada amostra, os atributos físicos e sensoriais, visualmente e por meio da prova de bebida.

Finalmente, *coffee shops* avaliam os atributos sensoriais do café, com foco em um perfil que agrada em termos de preferências individuais, conforme destaca o torrefador e *coffee shop* E6: *“é um café que a gente vai gostar ou não. É o nosso gosto que vai determinar a compra ou não do café. Um café que qualquer outra pessoa pode amar, a gente não vai necessariamente comprar”*. Ressalta-se que nem sempre *coffee shops* avaliam o café, confiando na avaliação dos torrefadores fornecedores, conforme aponta o *coffee shop* E1: *“[...] eu não tenho tempo de fazer [a mensuração], então eu confio no torrefador”*.

Mecanismo de governança da transação. As transações de cafés acontecem por meio do envio das amostras pelos fornecedores e avaliação da qualidade dos cafés disponíveis. A partir disso, seja por atributos físicos, sensoriais ou preferência individual, há a decisão de compra pelos agentes compradores. Durante a coleta, envio e trânsito dos cafés, as transações normalmente fazem uso de documentos físicos, como documentos de embarque. Nas transações entre exportador e importador, uma nova avaliação do café é realizada durante o trânsito e após a chegada do produto, de modo a garantir que o café comprado é o mesmo que foi entregue. Os entrevistados afirmam que os casos de divergência na qualidade são baixos e que há um interesse entre as partes em garantir a continuidade da transação. Mas que é possível realizar a devolução, deságio ou rompimento da relação nos casos de divergência. Finalmente, torrefadores e *coffee shops* avaliam o café antes da compra e decidem pela compra ou não dos cafés. A partir disso os cafés são entregues pelos importadores.

A capacidade dos produtores em atingir os cafés com a qualidade desejada possibilita aos exportadores/corretores e posteriores agentes, determinada segurança quanto à obtenção dos cafés. À montante, na produção, é uma cadeia com respaldo pela norma 08/2003 elaborada pelo MAPA. Desse modo, exportadores podem usufruir da elaboração de contratos futuros de

compra, que consistem na definição de contratos formais a longo prazo, contendo a quantidade e qualidade desejadas, a um preço pré-estabelecido.

Com relação à transação entre exportador e importador, identificou-se que, embora possa haver a elaboração de contratos futuros entre as partes, eles não definem contratos formais de longo prazo. Nesse caso, as partes elaboram contratos físicos no momento da transação, contendo as informações da transação, como quantidade, qualidade, prazos e preços, conforme o importador E12: *“toda vez que compramos café tem um contrato com quantidade, preço, e a descrição da qualidade”*. Por fim, não há contratos entre torrefadores e *coffee shops*, e *coffee shops* procuram os torrefadores quando da necessidade de reposição de estoque.

4.2. Governança das transações de cafés especiais “sazonais”

A cadeia de cafés sazonais compreende a transação de cafés considerados microlotes, com pontuação acima de 86 pontos pela escala da SCA, podendo envolver ainda atributos extrínsecos pela produção socialmente sustentável (comércio justo), região (Norte do Paraná), gênero (produção por mulheres) e social (história do produtor). Diferentemente da cadeia de cafés padronizados, os produtores que compõem essa cadeia são menos capitalizados. Nessas cadeias, a obtenção de cafés com essa qualidade em termos de pontuação, depende, além das condições agrônomicas de produção envolvendo solo, clima e variedade, do conjunto de manejo desde o plantio, adubação, até a colheita e pós-colheita.

Incerteza. Esse tipo de produção sofre, além do impacto de incerteza climática, como ocorre nos cafés padronizados, com a incerteza pela baixa capacidade dos produtores na produção. O exportador E19 ilustra: *“eu faço um trabalho no campo para que ele [o café] exista. Mas não tem como eu garantir que eu vou receber ele. Porque é um risco fazer contrato para um café desse”*. A produção de cafés microlotes requer técnicas de manejo específicas (como a colheita seletiva), que somadas à baixa capacidade do produtor, tornam essa produção tipicamente mais complexa e incerta quando comparada à produção de cafés padronizados. Por isso, o exportador tem papel ativo para mitigar esses problemas, por meio de mecanismos de monitoramento e incentivos à produção. Alcançada a qualidade excepcional no café pelos produtores e exportadores, essa incerteza diminui nas transações entre exportadores e importadores, uma vez que a compra envolve justamente as diferenças e particularidades a cada ano.

Observou-se uma incerteza com relação aos preços pagos. Embora a remuneração nessa cadeia seja feita com base na qualidade a partir de preços acordados entre as partes, ela pode ter como base a relação de oferta e procura. O importador E15 destaca: *“Todo ano pode ser que, por exemplo, haja uma grande seca, ou uma grande chuva e, de repente, metade do café tenha acabado. E por isso esse preço será afetado”*.

Por fim, o importador E14 destaca uma incerteza informacional quanto ao preço a ser recebido pelo produtor rural. *“[...] uma incerteza que nós definitivamente temos que lidar, mas que não gostaríamos de ter que, é se os produtores estão sendo pagos pela porção justa do preço pago por nós pelo café”*. Finalmente, torrefadores destacam a incerteza quanto à conformidade com a qualidade. Muito embora os torrefadores possam provar e avaliar a qualidade do café antes da compra, há uma incerteza quanto à conformidade da qualidade do café: *“a maior incerteza é se o café vai ter mesmo 86 pontos quando eu provo e torro o café [após o recebimento do café]”*. Essa percepção de incerteza pelos agentes pode evidenciar uma incerteza comportamental na cadeia. Apesar disso, o importador E13 destaca: *“[...] esse meio de café é muito pequeno. Então nós sabemos o que acontece”*.

Frequência. As transações de cafés sazonais são recorrentes e há dependência bilateral entre produtores e exportadores, e entre estes e importadores. Esses três agentes realizam investimentos para obtenção desses cafés. Produtores dependem da comercialização com esses

compradores (exportadores e importantes) para obtenção de preços superiores, enquanto compradores comprarão esses cafés apenas se atenderem a qualidade superior.

Com relação aos produtores, o importador E7 afirma que os produtores podem encontrar outros compradores, mas “*não ao mesmo preço*”. Com relação aos exportadores e importadores, identificou-se que, embora seja fácil encontrar outros fornecedores de cafés tipo microlote, a relação é construída ao longo de anos, sendo que é difícil encontrar outros fornecedores em caso de ruptura da transação, conforme destaca o importador E7: “[...] *é difícil porque nós trabalhamos com essas pessoas há um longo tempo*”.

Nas transações envolvendo torrefadores e os *coffee shops*, identificou-se que apesar dos investimentos e do aspecto relacional da cadeia, essa dependência bilateral diminui, uma vez que procuram cafés com qualidade excepcional, em detrimento à regularidade na qualidade. Apesar disso, o torrefador e *coffee shop* E14 destaca a importância do aspecto relacional: “*É importante ter um bom relacionamento com o importador, com o cafeicultor [produtor], com o exportador, e com o torrefador*”.

Especificidade de ativo. Observou-se especificidade de ativo físico, uma vez que, embora os produtores possam comercializar esse café a outros compradores, haverá uma perda de valor. Especificidade de ativo locacional, que se referem às características extrínsecas do café, já que a valorização do produto depende da transmissão da informação e da remuneração por parte dos compradores de forma diferenciada pela produção no Norte do Paraná. E a especificidade de ativo humano, que diz respeito aos esforços necessários para produção/transação de cafés sazonais, envolvendo desde a produção, passando pelo processamento, torra, preparação.

Com relação aos exportadores, destaca-se a especificidade humana a partir da realização de cursos, dias de campo, o fornecimento e suporte na produção por meio de um agrônomo que faz acompanhamento e provê assistência técnica. Para o exportador E19, esses investimentos acontecem no processo produtivo, especialmente para aumentar a quantidade de cafés com qualidade superior, como relata no exemplo: “*no caso de as mulheres investir em melhoria da qualidade, de produção, colheita, pós-colheita né... porque foi identificado um potencial, mas a gente ainda tá trabalhando lá pra ela que elas aumentem*”. Essa especificidade de ativo humano constrói a dependência do comprador em relação ao produtor.

Mensurabilidade. Os cafés são mensurados com base nos atributos intrínsecos (físicos e sensoriais) por meio da pontuação superior a 86 pontos no protocolo de avaliação SCA. Além disso, são avaliados os atributos extrínsecos relacionados aos apelos social, de gênero, de região e de produção socialmente sustentáveis, que são de difícil mensuração. Nem todos os agentes mensuram as características intrínsecas do café nessa cadeia, como os produtores. Já nas outras etapas da cadeia, a mensuração acontece de forma semelhante à cadeia de cafés padronizados.

No caso dos atributos extrínsecos, exportadores e importadores realizam visitas e iniciativas de desenvolvimento e acompanhamento junto aos produtores na tentativa de monitorar o processo. Apesar disso, ressalta-se que a dificuldade de mensuração desses atributos pode comprometer a transmissão dessa informação ao longo da cadeia ou a garantia sobre esses atributos. Essas iniciativas consistem ao mesmo tempo em mecanismos de mensuração e mecanismos de monitoramento para garantia da qualidade desejada.

Torrefadores e *coffee shops* avaliam os cafés antes de cada compra, observando os atributos físicos e sensoriais, mas com foco na preferência individual por determinados cafés. Nessa cadeia, a história do produtor é valorizada, conforme destaca o importador E15: “*eles [consumidores] não querem apenas um bom café. Eles querem uma história, eles querem a garantia de que o café foi comercializado de forma justa, que pode ser rastreável*”.

Mecanismo de governança da transação. Essa transação tem início com o envio das amostras, mensuração, aprovação de compra, envio e distribuição. Diferente da cadeia de cafés padronizados, produzir cafés com apelo e qualidade superior envolve incertezas quanto à

garantia dos atributos intrínsecos e extrínsecos envolvidos na produção. Segundo o exportador, essa é uma transação com riscos de informação e de obtenção dos cafés. As diferenças com relação à cadeia de cafés padronizados englobam a precificação superior e os projetos de desenvolvimento de produtores para redução da incerteza na obtenção dos cafés.

Não há contratos de longo prazo entre exportadores e produtores rurais. Os contratos que regem as transações são os contratos físicos construídos no momento da compra/venda dos cafés. Apesar de envolver dependência entre as partes e investimentos na produção, o exportador assume ser difícil garantir o recebimento desses cafés. Do mesmo modo, importadores, torrefadores e *coffee shops* não elaboram contratos para a compra.

Embora à montante haja uma dificuldade para a obtenção de cafés com qualidade 86 pontos acima na escala da SCA, em função da baixa capacidade dos produtores em atender aos requisitos, incerteza e dificuldade de mensuração, à jusante na cadeia essa dificuldade não é a mesma. À jusante o desafio está associado à obtenção de cafés padronizados em detrimento a cafés de microlotes, uma vez que cafés de microlotes são diferentes a cada transação, sendo fácil encontrar outros fornecedores.

A dificuldade em transmitir as informações sobre os atributos extrínsecos no café demandam uma coordenação explícita entre os agentes. O produtor E23 destaca que nessa cadeia, “*as transações são normalmente sem contrato e recorrentes. O mundo dos cafés especiais ainda é feito de parcerias e de amigos*”. Os esforços relacionais e conjuntos realizados nessa cadeia fazem com que as partes sejam dependentes umas das outras. Por isso, é preciso que as partes se comprometam com as transações, de modo a garantir a valorização dos cafés e garantir o retorno pelos esforços realizados. Tanto fornecedores dependem da remuneração por meio de preços superiores, quanto compradores dependem do fornecimento desses cafés com a qualidade desejada.

5. Discussão dos Resultados

Diferente do que a literatura propõe sobre a cadeia de cafés especiais seguir um fluxo linear entre os agentes (SAMPER; GIOVANUCCI; VIEIRA, 2017; COSTA, 2020), identificou-se que a cadeia de cafés especiais entre agentes no Brasil e na Europa não é linear, é complexa e heterogênea, sendo que, dentro de uma mesma cadeia, há aquelas em que um mesmo agente desempenha mais que um papel.

Um segundo resultado mostrou que a CGV de cafés especiais transaciona não o café em si, mas um conjunto de atributos de valor que compõe o ativo café. Esse cenário é diferente do que se apresenta atualmente na literatura, que considera o café como ativo central na transação (SAES, 2010; WATANABE *et al.*, 2017; CLAY *et al.*, 2018; VICOL *et al.*, 2018). Foram considerados atributos intrínsecos e extrínsecos no café que se alteram ao longo da cadeia, tais como as características físicas (defeito, densidade, umidade, tamanho e aparência do grão verde/torrado); as características sensoriais da bebida (fragrância, limpeza, uniformidade, doçura, sabor, acidez, corpo e gosto residual); atributos de produção socialmente sustentável (como comércio justo), atributos sociais (produção por mulheres e história do produtor) e de região (Norte do Paraná).

Para além da literatura, que já havia identificado os atributos intrínsecos e extrínsecos (BRONZERI; BULGACOV, 2014; SEPÚLVEDA *et al.*, 2016; SAMPER; GIOVANUCCI; VIEIRA, 2017; COSTA, 2020; SCA, 2020; SANTOS *et al.*, 2021), este trabalho evidenciou que a padronização e a preferência individual dos agentes mais à jusante na cadeia constituem-se em atributos de valor que devem ser considerados na transação de cafés.

O conjunto de atributos considerados ao longo da cadeia é diferente em cada transação. Nas transações entre “produtores e exportadores” e “exportadores e importadores” tem-se como atributos predominantes os atributos físicos, sensoriais, podendo envolver a padronização no perfil do café e os apelos de produção socialmente sustentável, gênero, social, região. Ao buscar

cafés, exportadores consideram não apenas os atributos relacionados ao grão verde de café, mas à bebida. Nas transações envolvendo “importadores e torrefadores” considera-se de forma predominante menos os atributos físicos do café, por já terem sido mensurados nas transações anteriores, e valoriza-se os atributos sensoriais referente à bebida e a preferência individual em termos de agradabilidade. Finalmente, as transações envolvendo “torrefadores e *coffee shops*” têm como atributos predominantes os atributos sensoriais e a preferência individual.

Diferenças no conjunto de atributos implicam diferenças nas informações envolvidas na transação. Sendo a informação central no modo com as transações são organizadas (WILLIAMSON, 1985; BARZEL, 2005; GEREFFI; HUMPHREY; STURGEON, 2005), considerar um conjunto de atributos ao longo das transações demanda diferentes mecanismos de governança da transação e da cadeia.

O protocolo de avaliação da SCA consiste em uma ferramenta de mensuração dos atributos intrínsecos do café, que pela mensuração pode minimizar os problemas de assimetria de informação. Contudo, esse protocolo considera uma única categoria como cafés especiais: cafés pontuados na escala de avaliação acima de 80 pontos. Este trabalho mostrou que dentro de uma mesma categoria “cafés especiais” 80 pontos acima existem diferentes tipos, como os cafés padronizados e os cafés sazonais. A transação desses cafés na cadeia envolve diferenças nas características das transações, tais como níveis de incerteza distintos, especificidade de ativo, dificuldade de mensuração e complexidade da informação na cadeia.

Esses diferentes níveis de complexidade em função dos diferentes cafés dentro de uma mesma categoria não são explorados pelo protocolo da SCA. Portanto, mesmo que este protocolo constitua uma maneira de minimizar os problemas de assimetria de informação na cadeia de cafés especiais, não considerar as diferenças dentro dessa categoria pode gerar uma falha de distribuição de valor, impactando a remuneração e a criação de valor no longo prazo.

Diferentes cafés transacionados implicam características diferentes nas transações. Com relação a incerteza, a CGV de cafés especiais tanto de cafés padronizados quanto sazonais sofre, à montante, por incertezas relacionadas à atividade produtiva do café, principalmente afetadas por incertezas climáticas. Essas incertezas perpassam ainda as transações envolvendo os importadores, uma vez que a distribuição do café à jusante depende diretamente da obtenção dos cafés à montante.

Ao considerar os diferentes tipos de cafés transacionados nas duas cadeias destaca-se que a obtenção de ambos os cafés é difícil, mas envolvem incertezas distintas. Enquanto o café padronizado tem mais o atributo “padronização”, o café sazonal envolve a raridade típica dos microlotes. Uma vez que o café é uma atividade tipicamente incerta (SAES, 2010), a incerteza na obtenção de cafés sazonais está mais associada à baixa capacidade dos produtores em atender aos requisitos demandados, bem como à maior complexidade do produto. Na produção de cafés padronizados a complexidade do produto é menor, e por isso a incerteza está relacionada ao atributo padronização.

Com relação às transações à jusante na cadeia as incertezas tanto para cafés padronizados quanto sazonais estão relacionadas à conformidade com a qualidade, que pode estar associada à incerteza comportamental dos agentes na revelação das informações. Diante disso, pode-se afirmar que os tipos de incertezas ao longo da cadeia são diferentes, que pode ser explicado pelo fato do que é transacionado se alterar ao longo da cadeia.

No que diz respeito à frequência, constatou-se que elas são recorrentes em toda a CGV. A recorrência nas transações conduz ao aprendizado sobre “o que” e “como” será transacionado, minimizando as incertezas quanto à obtenção dos cafés. Esse aprendizado está em grande parte associado à complexidade do produto e à capacidade dos produtores em atender aos requisitos. Cafés padronizados tem menor complexidade de produto se comparado aos sazonais, e por isso é mais passível de codificação das informações e posterior mensuração. Por isso, a capacidade dos produtores de cafés padronizados pode ser fruto não somente das

estruturas produtivas, mas do aprendizado pela codificação das informações desse café, que é menos complexa quando comparado aos sazonais. O aprendizado pela repetição das transações pode minimizar as incertezas quanto à obtenção dos cafés.

Ainda, foi possível observar diferentes níveis de dependência bilateral a depender de onde se concentram os esforços para diferenciação em cada tipo de café. Para os padronizados, destacam-se os estágios intermediários na cadeia, envolvendo os exportadores, importadores e torrefadores, uma vez que eles são os responsáveis pela realização dos *blends*. Esses agentes dependem, portanto, da obtenção de cafés com um mesmo perfil sensorial, implicando dependência bilateral entre eles. Para os cafés sazonais, a diferenciação acontece predominantemente a partir dos esforços na produção. Por isso, há uma dependência bilateral elevada à montante na cadeia, envolvendo principalmente produtores e exportador.

Com relação à especificidade de ativos, observou-se que a transação de cafés especiais envolve por si só uma especificidade de ativo físico, uma vez que sua valorização depende da comercialização com compradores. Além disso, as transações na cadeia englobam especificidade de ativo humano, seja para produção, processamento, *blend*, torra ou preparação. Para além da especificidade de ativo físico e humano, foi possível constatar que a especificidade de ativo é diferente ao longo das transações e está concentrada em grande parte nas transações à montante da cadeia, uma vez que envolve também especificidade de ativo locacional e temporal no caso do café sazonal.

Com relação à mensuração, diferentes atributos de valor são considerados e mensurados ao longo das transações. Ambas as cadeias consideram os atributos físicos e sensoriais, mas diferenciam-se quanto à padronização e a raridade associada à qualidade excepcional e aos atributos extrínsecos. Embora parte desses atributos seja passível de mensuração, isso envolve custos. Atributos físicos e sensoriais podem ser mensurados por meio do protocolo da SCA. Os apelos de produção social, gênero, região e de produção sustentável, embora possam em teoria ser codificados, não o são. Por isso, são difíceis ou custosos de serem medidos. A preferência individual considerada à jusante, majoritariamente pelos *coffee shops*, é mensurada a partir da agradabilidade, sendo altamente subjetiva. A dificuldade de mensuração gera problemas de assimetria de informação, dada dificuldade de transmissão da informação sobre esses atributos. Os diferentes conjuntos de atributos de valor, intrínsecos e extrínsecos, levam a problemas de assimetria de informação diferentes, sendo mais presentes na cadeia de cafés sazonais quando comparado à de padronizados.

Na cadeia de cafés padronizados, a capacidade dos produtores associada à menor complexidade do produto (por envolver atributos intrínsecos e mais objetivos) e a maior capacidade de codificação, reduz os riscos de comportamento oportunista pelos agentes. Por isso, demanda menos mecanismos de monitoramento que a cadeia de cafés sazonais. Diante disso, afirma-se que a eficiência na cadeia de cafés especiais como um todo depende da eficiência no modo de governança do conjunto de transações micro analíticas que a compõem.

A partir do que foi exposto, identificou-se que as diferentes transações na cadeia de cafés especiais tanto de cafés padronizados, quanto sazonais, são organizadas por meio de estruturas de governança híbridas. Na cadeia de cafés padronizados, à montante não há contratos entre os agentes e busca-se a construção de um relacionamento entre produtor e exportador de modo a garantir o fornecimento. A baixa incerteza quanto à capacidade da base de fornecimento viabiliza a adoção de contratos futuros entre as partes.

Na cadeia de cafés sazonais, embora haja esforços por parte do exportador e importador em desenvolver a base de fornecimento, não há mecanismos que tornem os produtores cativos à transação. As transações à montante nessa cadeia são organizadas por meio de estruturas de governança menos complexas que a integração vertical, fortemente alicerçada pelo aspecto relacional entre os agentes (repetição da transação e reputação). Nas transações mais à jusante, envolvendo exportadores, importadores, torrefadores e *coffee shops* não são adotados contratos,

sendo as transações organizadas por meio de contratos físicos de compra e venda no momento da transação. Contudo, essa cadeia como um todo é suportada pelo aspecto relacional entre os agentes, em que as partes se comprometem com as transações.

6. Conclusões

Este trabalho mostrou que dentro de uma categoria “cafés especiais” há a existência de diferentes tipos de cafés, que demandam mecanismos diferentes de governança. Logo, sugere-se que as melhorias na categoria em termos de governança e redução dos problemas de assimetria de informação dependem da consideração do café como um conjunto de atributos de valor que implicam diferenças nas transações, evidenciando a importância de considerar o ativo decomposto em seus atributos de valor, como proposto por Barzel (2005).

Identificou-se que os desequilíbrios na mensuração ao longo da cadeia podem comprometer a sobrevivência desta no longo prazo. Embora exportador e importador, tenham papel importante na mensuração e, portanto, na garantia da informação, a não mensuração por parte dos agentes mais à jusante, como os torrefadores e *coffee shops* comprometem a transmissão da informação uma vez que estes são os primeiros agentes a identificarem o valor demandado na cadeia. Por isso, este estudo contribui com subsídios para a destinação de políticas de avaliação da qualidade à medida que revela que o valor considerado no café muda a cada transação. Assim, ao expor quais os atributos considerados como valor a cada transação, as instituições públicas e privadas podem desenvolver mecanismos mais objetivos de avaliação da qualidade. Ainda, a mensuração concentrada apenas em alguns elos pode gerar falhas de distribuição da informação ao longo da cadeia, que podem trazer problemas como apropriação de valor e distorções de mercado. Isso mostra a importância de os agentes atuarem em conjunto de modo a garantir a perpetuidade na cadeia.

Identificou-se que essa cadeia envolve falhas de governança, especialmente ao se considerar os desequilíbrios na codificação e mensuração. Mesmo que o protocolo da SCA atue como um mecanismo de mensuração tornando objetivo os atributos intrínsecos, nem todos os agentes na cadeia fazem essa mensuração. Por um lado, isso pode ser justificado pelo papel do exportador e importador em coordenar a cadeia. Por outro, à medida que os agentes mais à jusante não mensuram todos os atributos e valor, há espaço para problemas de apropriação de valor e assimetria de poder na cadeia. Há também um problema de retorno da informação de jusante à montante, podendo impactar não apenas a remuneração do valor, mas a sustentabilidade do valor criado pela dificuldade de acesso às informações sobre as características de qualidade requisitadas no café.

Teoricamente, o presente estudo contribui mostrando que em CGVs é necessário analisar o conjunto de transações que compõe cada um dos elos da cadeia. Isto porque, na cadeia de cafés especiais, os atributos de valor considerados em cada transação podem ser diferentes e alterados à medida que avança de montante à jusante. A flexibilização dos mecanismos de mensuração pode acontecer pelo papel dos agentes exportadores e importadores em coordenar a cadeia. Portanto, propõe-se que compreender a eficiência de uma CGV requer uma análise pelo conjunto de transações e não apenas a análise de transações isoladas (binárias).

Como limitações enfrentadas pelo presente trabalho, destaca-se a não inclusão na pesquisa outros mercados relevantes europeus quando se trata da importação e consumo de cafés, como a Itália e o Reino Unido. Além da inclusão de tais países em pesquisas futuras, este estudo poderia se beneficiar da inclusão de outras importantes regiões produtoras de cafés no Brasil, como o estado de Minas Gerais, São Paulo e Bahia.

Como propostas futuras, há outros elementos que podem contribuir para o campo, como as questões de poder, *path dependence*, território e elementos de ordem social. Os estudos sobre *upgrading* dos agentes mais à montante na cadeia podem fornecer indícios sobre a eficiência

da organização da cadeia para criação de valor. À jusante, sugere-se estudos relacionados ao comportamento do consumidor e como o valor no café é considerado.

REFERÊNCIAS

- ATKINSON, R.; FLINT, J. Snowball sampling. In: LEWIS-BECK, M. S.; BRYMAN, A.; LIAO, T. F. (Ed.). **The Encyclopedia of Social Science Research Methods**. Sage, 2004.
- BARZEL, Y. Organizational forms and measurement costs. **Journal of Institutional and Theoretical Economics**, n. 161, p. 357-373, 2005.
- BRONZERI, M. S.; BULGACOV, S. Estratégias na cadeia produtiva do café no norte pioneiro do Paraná: competição, colaboração e conteúdo estratégico. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 16, n. 1, p. 77-91, 2014.
- CLAY, D. C. *et al.* Farmer incentives and value chain governance: critical elements to sustainable growth in Rwanda's coffee sector. **Journal of Rural Studies**, n. 63, p. 200-213, 2018.
- COASE, Ronald Harry. The nature of the firm. **Economica**, v. 4, n. 16, p. 386-405, nov., 1937.
- CONSELHO DOS EXPORTADORES DE CAFÉ DO BRASIL. **Relatório mensal dezembro 2020**. Disponível em: http://www.sapc.embrapa.br/arquivos/consorcio/informe_estatistico/CECAFE_Relatorio_Mensal_DEZEMBRO_2020.pdf. Acesso em 14 jun. 2021.
- COSTA, B. R. Brazilian specialty coffee scenario. In: ALMEIDA, L. F.; SPERS, E. E. **Coffee Consumption Industry Strategies in Brazil**. Woodhead Publishing, 2020.
- FAO. **Developing sustainable food value chains: guiding principles**. Rome, 2014.
- GEREFFI, G.; HUMPHREY, J.; STURGEON, T. The governance of global value chains. **Review of International Political Economy**, v. 12, n. 1, p. 78-104, 2005.
- GIULIANI, E.; PIETROBELLI, C.; RABELLOTTI, R. Upgrading in global value chains: lessons from Latin American clusters. **World Development**, v. 33, n. 4, p. 549-573, 2005.
- GUIMARÃES, A. F. *et al.* Governance analysis in global specialty coffee value chain: a study with downstream agents. In: IFAMA'S 30TH WORLD CONFERENCE. Rotterdam: IFAMA, 2020.
- JOSKOW, P. L. **New institutional economics: a report card**. Conference of International Society of New Institutional Economics, Budapest, Hungary, September, 2004. Disponível em: <http://economics.mit.edu/files/1171>. Acesso em 21 mai. 2021.
- LERNER, D. G. When unfair trade is also at home: the economic sustainability of coffee farms. **Sustainability**, v. 13, n. 1072, 2021.
- MÉNARD, C. SHIRLEY, M. M. The future of new institutional economics: from early intuitions to new paradigm? **Journal of Institutional Economics**, v. 10, n. 4, 2014.
- MILGROM, P.; ROBERTS, J. Informational asymmetries, strategic behavior and industrial organization. **American Economic Review**, v. 77, n. 2, p. 184-93, 1987.
- SAES, M. S. M. A. Rent appropriation among rural entrepreneurs: three experiences in coffee production in Brazil. **Revista de Administração**, São Paulo, v.45, n.4, p.313-327, out./nov./dez. 2010.
- SAMPER, L. F.; GIOVANNUCCI, D.; VIEIRA, L. M. The powerful role of intangibles in the coffee value chain. Economic Research Working Paper No. 39. **World Intellectual Property Organization**, 2017.
- SANTOS, J. K. *et al.* Atributos de qualidade e complexidade de mensuração nas transações: um estudo em exportadora de cafés especiais. **Revista Gest@ao.org**, v. 19, p. 88-104, 2021.
- SPECIALTY COFFEE ASSOCIATION. **What is specialty coffee**. Disponível em: <https://sca.coffee/research/what-is-specialty-coffee>. Acesso em: 02 mar. 2020.
- TORGA, G. N.; SPERS, E. E. Perspectives of global demand. In: ALMEIDA, L. F.; SPERS, E. E. **Coffee Consumption Industry Strategies in Brazil**. Woodhead Publishing, 2020.
- TRIENEKENS, J. H. Agricultural value chains in developing countries – a framework for analysis. **International Food and Agribusiness Management Review**, v. 14, n. 2, p. 51-82, 2011.
- UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. Foreign agricultural services. Disponível em: <http://apps.fas.usda.gov/psdonline/psdQuery.aspx> Acesso em: 21 mai. 2021.
- VICOL, M. *et al.* Upgrading for whom? Relationship in coffee, value chain interventions and rural development in Indonesia. **World Development**, n. 110, p. 26-37, 2018.
- WATANABE, K.; BÂNKUTI, S. S.; LOURENZANI, A. E. “Pingado Dilemma”: Is formal contract sweet enough? **Journal of Rural Studies**, n. 54, p.126-137, 2017.
- WILLIAMSON, O. E. **The economic institutions of capitalism**. New York: Free Press, 1985.
- ZYLBERSZTAJN, D. Measurement costs and governance: bridging perspectives of transaction cost economics. **Cadernos de Administração**, v. 26, n. 1, p. 1-19, 2018.